

### **A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: Um estudo da relação professor-aluno do Ensino Fundamental I de uma escola de Ubá-MG**

Maycon Francisco Marques<sup>1</sup>  
Amanda Juliana do Carmo<sup>2</sup>  
Adriana Maria Vieira Mollica<sup>3</sup>

#### **RESUMO**

A afetividade está presente em todas as relações humanas e compreendê-la no processo de ensino-aprendizagem é fundamental. Por isso, objetivo geral deste estudo foi investigar o papel da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, focando na relação professor-aluno no Ensino Fundamental I de uma escola de Ubá-MG. Esta pesquisa é qualitativa, realizada através de aplicação de entrevista semiestruturada a professoras do ensino fundamental de uma escola de Ubá e analisada de forma interpretativa. Os resultados demonstraram que as professoras entendem que a afetividade na relação professor-aluno traz repercussões negativas e positivas no desenvolvimento dos discentes. Por isso, elas buscam métodos que fogem do tradicional, com ludicidade e incentivando o protagonismo do aluno. Assim, acreditam que é possível estabelecer laços positivos que contribuem para o processo de ensino-aprendizagem. Concluiu-se que a afetividade é um elemento essencial no processo de ensino-aprendizagem, pois fortalece os vínculos entre professores e alunos, promovendo um clima escolar mais harmonioso e produtivo e maior desenvolvimento dos discentes. No entanto, para que essa afetividade seja efetiva, é fundamental que os educadores recebam formação contínua em competências socioemocionais e que as escolas promovam uma cultura de respeito e colaboração.

**Palavras-Chave:** afetividade; afetividade e escola; práticas pedagógicas.

#### **1 INTRODUÇÃO**

O termo afetividade tem diversos significados, a maioria deles relacionados a contextos que tratam sobre atitudes e valores, comportamento moral e ético, desenvolvimento pessoal e social, motivação, interesse e atribuição (RIBEIRO, 2009).

Gratiot-Alfandéry (2010) explicam que, para o teórico Wallon, a afetividade é o experimentar de sensações que podem ser positivas ou não. Por isso, não se pode compreender a afetividade meramente como um sentimento positivo. Portanto, é impossível que as crianças

---

<sup>1</sup> Estudante de pedagogia - Unifagoc. E-mail: marquesmaycon42@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do curso de Pedagogia - Unifagoc. E-mail: amanda.carmo@unifagoc.edu.br

<sup>3</sup> Docente do curso de Pedagogia - Unifagoc. E-mail: nae@unifagoc.edu.br

creçam isentas das experiências afetivas que as cercam. Desse modo, no ambiente escolar, a afetividade percorre o trabalho docente, uma vez que o professor contribui para a aprendizagem do educando quando demonstra sensações positivas como carinho, amor, empatia e respeito. Entretanto, o oposto pode ocorrer, quando esses sentimentos são negativos como desprezo, desamor e desrespeito. Isso, porque, segundo Ribeiro (2010), as crianças demonstram muito mais interesse nas aulas de educadores que estabelecem uma relação afetiva positiva, proporcionando uma melhor aprendizagem e evitando crises e bloqueios.

Assim, pode-se afirmar que uma sala de aula com bons vínculos afetivos se faz por meio de um ambiente escolar agradável e estimulante. Segundo Bezerra (2006), para Wallon a emoção é crucial para a sobrevivência da espécie humana, pois a afetividade é o contexto no qual as emoções se expressam. Além de Wallon, outros autores como Piaget e Vygotsky trataram sobre a relação de afetividade e desenvolvimento da inteligência. Piaget, por exemplo, defendeu que há uma conformidade entre as formações afetivas e cognitivas ao longo da vida das pessoas e justificava que as interações entre a afetividade, inteligência e socialização tinham papel fundamental na formação da moral (ARANTES, 2003).

Vygotsky criticava a divisão entre afeto e cognitivo, considerando-a como um problema da psicologia de sua época. Ele acreditava que as emoções evoluíram para um plano superior e simbólico moldados por significados culturais. Ademais, considerava que as emoções se afastavam dos instintos ingressando em um novo domínio (LEITE, 2012).

No Brasil, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) determina que o professor deve dominar os conteúdos e saber como ensiná-los, demonstrando conhecimentos sobre o aluno e os processos de aprendizagem. Desse modo, o documento orienta que a educação brasileira deve formar e desenvolver o seu alunado de forma humana global, sem privilegiar a cognição ou a dimensão afetiva, mas trabalhando ambas conjuntamente (BRASIL, 2017).

Nesse sentido, considerando a relação afetividade e educação, este estudo parte da seguinte questão: qual o papel da afetividade no processo de ensino aprendizagem em uma escola de ensino Fundamental I de Ubá-MG? O objetivo geral da presente pesquisa foi investigar o papel da afetividade na relação professor-aluno em uma escola do ensino Fundamental I da cidade de Ubá-MG.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir são apresentadas discussões sobre o conceito de afetividade, no tópico “Afetividade: da psicologia da educação a sala de aula”, e discussões acerca da relação afetiva nos anos iniciais do ensino fundamental no tópico “Afetividade nos primeiros anos do ensino fundamental I.”

### 2.1 Afetividade: da psicologia da educação à sala de aula

Emiliano (2015) explica que Vygotsky divide o desenvolvimento das crianças em dois níveis, o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial. O primeiro nível seria tudo aquilo que a criança consegue fazer de forma autônoma, ou seja, sozinha. Já o segundo nível, seria quando a criança consegue realizar algo apenas com ajuda de um mediador, sendo que esse pode ser os pais, os professores ou os pares mais capacitados. Os dois níveis mencionados são chamados de Zona de Desenvolvimento proximal. O docente, ao saber o que a criança já consegue fazer sozinha, atua no desenvolvimento potencial, fazendo com que o aluno tenha um bom aprendizado. Portanto, os professores têm papel de mediador ou facilitadores do conhecimento e estabelecem com os alunos uma contínua relação no processo de aprendizagem.

No seu livro “Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem”, Vygotsky, Luria e Leontiev (2010) destacam a importância do professor como mediador das relações da criança com o mundo, sobre crianças do maternal, ele afirma que:

Todos nós sabemos como são incomparáveis as relações das crianças dessa idade com suas professoras da escola maternal, quão necessária é para as crianças a atenção da professora e quão frequentemente elas recorrem à sua mediação em suas relações com outras crianças de sua idade. Pode-se dizer que as relações com a professora fazem parte do pequeno e íntimo círculo dos contatos das crianças (VYGOTSKY; LURIA; LEONTIEV, 2010, p. 60).

Já na passagem do período pré-escolar para o escolar, a criança estabelece um laço mais íntimo com a escola, pois, nesse período, “uma nota má dada pelo professor, por exemplo, projeta uma sombra sobre elas” (VYGOTSKY; LURIA; LEONTIEV, 2010, p. 60).

De forma geral, a teoria do desenvolvimento cognitivo de Vygotsky é conhecida como histórico-cultural, tendo em vista que destaca a interação entre as pessoas em desenvolvimento a o contexto cultural em que vivem. Por isso, o conhecimento é construído por meio do processo de interação entre os indivíduos. Para o teórico, o outro é sempre necessário não apenas para a aprendizagem, mas, também para a constituição de si como sujeito e sobre seu comportamento

(TASSONI, 2019). Essas interações não são esvaziadas de afeto. Em seu livro “A formação social da mente”, Vygotsky estabelece relação entre intelecto e emoção (VYGOTSKY, 1991).

Entretanto, foi Wallon quem elaborou a teoria da afetividade na educação. Para ele, a afetividade é uma atividade psíquica presente na criança desde o nascimento. O autor afirma que “é inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante” (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.71). Em sua teoria, o desenvolvimento é uma dialética entre a afetividade e o intelecto.

Sobre o conceito de afetividade, Tassoni (2019, p.7) diz que “a afetividade é utilizada com uma significação mais ampla, referindo-se às vivências dos indivíduos e as formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas”, por isso, ela se difere da emoção, que se refere à um comportamento humano mais orgânico, portanto, físico.

Ferreira e Ribeiro (2019) afirmam que a afetividade não é apenas demonstração física de afeto como abraços e beijos, pois ela também envolve o respeito e a compreensão da natureza infantil. Para esses autores, um ambiente acolhedor é de suma importância para o desenvolvimento social e afetivo da criança. Em sua infância, é crucial que a criança receba experiências afetivas positivas, pois, caso contrário, ela enfrentará dificuldades para estabelecer conexões emocionais e relacionamentos saudáveis no futuro.

Wallon, por sua vez, em sua teoria da psicogenética do desenvolvimento da personalidade, vincula a afetividade e a inteligência, porém explicando essa relação não faz parte de um desenvolvimento linear, como propôs Piaget e Vygotsky. Para Wallon:

O surgimento de uma nova etapa do desenvolvimento implica na incorporação dinâmica das condições anteriores, ampliando-as e ressignificando-as. A criança atravessa diferentes estágios que oscilam entre momento de maior interiorização e outros mais voltados para o exterior, sendo possível demarcar alguns deles ao longo do desenvolvimento infantil (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.34)

Para o autor, o desenvolvimento infantil ocorre em estágios que abrangem desde os primeiros meses de vida até a adolescência, sendo eles: Estágio Impulsivo-Emocional, Estágio Sensório-Motor e Projetivo, Estágio do Personalismo, Estágio Categorical e Estágio da Puberdade e da Adolescência. No estágio inicial, chamado Estágio Impulsivo-Emocional, a criança está envolvida em respostas emocionais e impulsivas básicas, como chorar, sorrir reflexivamente e reagir instintivamente ao ambiente. Em seguida, no Estágio Sensório-Motor e Projetivo, que vai até os dois anos de idade, a criança explora ativamente o mundo por meio de

atividades sensoriais e motoras, projetando suas próprias sensações e emoções nos objetos ao seu redor. O terceiro estágio, o Estágio do Personalismo, ocorre dos dois aos seis anos, período em que a criança começa a desenvolver sua identidade e individualidade, envolvendo-se em atividades imaginativas e simbólicas, como jogos de faz de conta. O Estágio Categorical, dos seis aos onze anos, é marcado pelo desenvolvimento de habilidades cognitivas mais avançadas, incluindo a capacidade de classificar, categorizar e aplicar conceitos lógicos. O Estágio da Puberdade e da Adolescência, começa por volta dos 11 anos, a criança experimenta mudanças significativas relacionadas à maturação sexual e ao desenvolvimento psicossocial. Neste estágio, a busca de identidade, a formação de valores pessoais e sociais e a redefinição das relações interpessoais tornam-se aspectos centrais do desenvolvimento. Esses estágios formam uma narrativa progressiva do amadurecimento da criança, abrangendo diversas dimensões emocionais, cognitivas e sociais ao longo do tempo (ALFANDÉRY, 2010).

A Educação Infantil só passou a ser considerada um direito de todas as crianças através da Constituição Federal de 1988 e com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394 de 1996. Segundo Carneiro (2012, p.01), a “LDB define a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica que tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social”.

Logo após a aprovação da Constituição Federal de 1988, mais precisamente dois anos depois, foi aprovada a Lei 8.069/90, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e, ao regulamentar o art. 227 da Constituição Federal, instituiu os direitos humanos para as crianças e adolescentes. Para Ferreira (2000 apud PASCHOAL; MACHADO, 2009), o ECA é mais que um instrumento jurídico, é a inserção das crianças e adolescentes no mundo dos direitos humanos, no desenho e fiscalização de políticas públicas, possibilitando um novo olhar sobre a criança, sobre seu mundo, ou seja, a criança com direito de ser criança.

Mendes (2010 apud CARNEIRO, 2012, p.84) argumenta que:

Os primeiros anos de vida de uma criança têm sido considerados cada vez mais importantes. Os três primeiros anos, por exemplo, são críticos para o desenvolvimento da inteligência, da personalidade, da linguagem, da socialização, etc. A aceleração do desenvolvimento cerebral durante o primeiro ano de vida é mais rápida e mais extensiva do que qualquer outra etapa da vida, sendo que o tamanho do cérebro praticamente triplica neste período. Entretanto, o desenvolvimento do cérebro é muito mais vulnerável

nessa etapa e pode ser afetado por fatores nutricionais, pela qualidade da interação, do cuidado e da estimulação proporcionada à criança (MENDES, 2010 apud CARNEIRO, 2012, p.84).

Para Grispino (2006), a estimulação prematura das crianças colabora bastante para o seu aprendizado futuro, visto que melhora a capacidade motora, afetiva, o relacionamento social e o desenvolvimento da autonomia. Outro ponto importante é entender que a função de “brincar no processo educativo é conduzir a criança, ludicamente, para suas descobertas cognitivas, afetivas, de relação interpessoal, de inserção social. A brincadeira leva a criança ao conhecimento da língua oral, escrita e da matemática” (GRISPINO, 2006, p.09).

A Educação Infantil passou, nos últimos vinte anos, e ainda vem passando por grandes transformações. Se no passado tinha somente o caráter assistencial, devido às grandes mudanças do mundo capitalista, como a entrada da mulher no mercado de trabalho, hoje é vista como uma fase importante para o desenvolvimento da criança, sendo um assunto discutido em âmbito educacional. É consenso entre educadores, pesquisadores e especialistas a sua importância no desenvolvimento da criança nas primeiras vivências educacionais (REIS, 2015).

## **2.2 Afetividade nos primeiros anos do ensino fundamental I**

Josiane (BRUST, 2009), o desenvolvimento cognitivo da criança é estimulado quando ela interage com pessoas com as quais mantém contato, frequentemente, como no caso da escola, onde incluem alunos, professores e funcionários. Considerando a afetividade no ensino fundamental, a autora Brust (2009) afirma que, aos 8 anos, a criança apresenta uma curiosidade aguçada, portanto, ela deseja saber, participar e compreender as falas dos adultos. Com isso, ela demonstra sua afeição por meio de gestos concretos. Por outro lado, as crianças de 9 anos adquirem novas formas de independência, modificando assim sua maneira de interagir com a família, amigos e escola. Desse modo,

(...) nessa faixa etária, as crianças continuam avançando na construção do conhecimento do próprio eu e, paralelamente, são produzidas mudanças na valorização que fazem de si mesmas. Tendem a melhorar a compreensão emocional durante a infância, de maneira a avançar no controle e na regulação das próprias emoções, transformando as emoções em um processo de autocontrole, mediante o qual elas aprendem a avaliar, a regular e a modificar seus próprios estados emocionais (BRUST, 2009, p.22).

Contudo, a ausência da família no dia a dia escolar também é impactante para o desempenho da criança do ensino fundamental. De acordo com Oliveira (2010, p.17), quando

a criança sente a ausência da família em sua vida escolar são inúmeras as consequências como, por exemplo, o baixo rendimento, a dificuldade de aprendizagem, a falta de interesse com as atividades propostas, mudanças no comportamento, fazendo com que elas se tornem, na maioria das vezes, agressivo ou apático. Se a escola e a família são responsáveis, conjuntamente, pelo desenvolvimento socioefetivo da criança, portanto, quando a família se ausenta, a escola sente os impactos expressos no comportamento da criança. Por isso, de acordo com Souza e Pereira (2018), em relação à afetividade, a escola e a família, também, devem andar lado a lado.

Ao tratar, especificamente, da aprendizagem nos primeiros anos do ensino fundamental, Ferreira e Ribeiro (2019), explicam que as crianças atravessam uma etapa significativa de crescimento, na qual começam a deixar de lado o egocentrismo típico do pensamento pré-operacional, conforme teoria dos estágios de desenvolvimento de Jean Piaget. Isso implica que elas estão se tornando mais capazes de compreender e respeitar as perspectivas dos outros, o que desempenha um papel crucial no aprimoramento das habilidades sociais e no processo de aprendizagem dentro da escola. Desse modo,

Todas as relações humanas, desde os mais remotos tempos da história, são permeadas por sentimentos. Esses sentimentos podem adquirir várias formas, podendo ser amor ou ódio, afetividade ou desprezo, atenção ou indiferença. Porém, não existe relação entre seres humanos desprovida de sentimento. Sentimento esse que muitas vezes pode ser fator decisivo em determinadas situações, podem com certeza, nortear a vida de uma pessoa, principalmente quando se trata de uma criança. A maneira como a criança é tratada por adultos irá influenciar muito a sua personalidade e o seu caráter (BISCARRA, 2012, p.07).

Se cabe a família e a escola, também, atuar para desenvolver a dimensão socioafetiva da criança, o vínculo emocional entre professor e aluno necessita de um olhar mais atento, pois é um fator importante no processo de ensino-aprendizagem (BISCARRA, 2012).

Cantanhêde (2018) explica que nos primeiros anos do ensino fundamental a afetividade é essencial, pois o professor, ao atuar como mediador, leva o aluno não somente a aprendizagem de conteúdos, mas também contribui para a sua formação humana. Assim, no primeiro ano do ensino fundamental, para a autora, é fundamental, pois é quando é preciso criar na criança o desejo de se envolver nas atividades com autonomia e confiança. Já no segundo ano, o professor deve, com afetividade, integrar a criança a rotina escolar, levando-a a ideia de cuidado com os materiais usados na escola e ampliação da sua autonomia. No terceiro ano, a criança já se encontra familiarizada com a escola, por isso, deve ser incentivada, com afetividade, a ter respeito mútuo e dedicar-se à aprendizagem. No quarto e quinto ano, o aluno deve ser

estimulado a compreender suas dificuldades e seu próprio processo de aprender.

Reforçam a importância da afetividade na escola, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) que descrevem a afetividade como um fenômeno para além da educação infantil, pois está presente em todos os níveis de ensino (BRASIL, 2013). Considerando o ensino fundamental anos iniciais, a BNCC apresenta que, nesta etapa de ensino, a criança está desenvolvendo sua autonomia, por isso, os vínculos sociais e afetivos são essenciais para a aprendizagem (BRASIL, 2017). Essa, inclusive, é uma dimensão de desenvolvimento essencial para a formação da criança segundo o documento.

### 3 METODOLOGIA

O presente estudo é do tipo qualitativo, uma vez que, segundo Guerra (2014), leva em conta que o ser humano não é inativo e interpreta o mundo de diferentes formas. Além disso, possui abordagem descritiva que, de acordo com Gil (2008), considera as características, os fenômenos e as relações da população. Ademais, as técnicas padronizadas na coleta de dados é uma de suas propriedades mais requisitadas.

Utilizou-se, também, da pesquisa bibliográfica que envolve analisar informações previamente produzidas, predominantemente provenientes de livros e artigos científicos (GIL, 2008). Se trata ainda de uma pesquisa básica, uma vez visa ampliar discussões teóricas (MINAYO, 2002). Se trata, também, de um estudo de caso único, uma vez que investiga um fenômeno real em seu próprio contexto (YIN, 2001).

Quanto ao local da pesquisa, ela foi realizada em uma escola particular localizada em Ubá/MG. A referida escola possui duas unidades nos estados de MG e RJ. Em Ubá, possui duas unidades. Atende as etapas de ensino que vão da educação infantil ao ensino médio. A unidade pesquisada possui cinco turmas de Ensino Fundamental anos iniciais, e conta com espaço para aprendizagem individualizado, interatividade online, orientação pedagógica e acolhimento.

Para a coleta de dados, optou-se pela entrevista semiestruturada, a partir de um roteiro de perguntas pré-estabelecido contendo 10 perguntas abertas. Conforme Gil (2008), a entrevista é um diálogo entre pesquisador e pesquisado. Neste estudo, ela foi aplicada a quatro professoras da referida escola, os quais atuam no ensino fundamental anos iniciais.

Para obter os resultados, a entrevista foi audiogravada, organizada e transcrita, e foi submetida ao método de análise interpretativo que, conforme Minayo (2012), passa pelo

principal objetivo da pesquisa qualitativa: compreender.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, são expostos os resultados e discussões obtidos por meio da aplicação de entrevista semiestruturada às professoras participantes do presente estudo. Em primeiro momento, é apresentada a caracterização das professoras entrevistadas e, em segundo, o subtópico “O afeto entre docente e discente do ensino fundamental I, anos iniciais”.

### 4.1 Caracterização das professoras entrevistadas

A tabela 1 a seguir foi feita com as informações dadas pelas professoras participantes das entrevistas.

Tabela 1: Entrevistadas da pesquisa

<b>Professora</b>	<b>Formação</b>	<b>Tempo de atuação no ensino fundamental anos iniciais</b>
Entrevistada A	Pedagogia	8 anos
Entrevistada B	Pedagogia e letras	24 anos
Entrevistada C	Pedagogia, Educação especial e inclusiva e psicopedagogia.	2 anos
Entrevistada D	Pedagogia e pós-graduada em neurociência	5 anos

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

É possível observar que as professoras, todas do sexo feminino, possuem formação em Pedagogia. O tempo de atuação no ensino fundamental anos iniciais é variável, sendo a menos experiente a Entrevistada C, com 2 anos de atuação, e a mais experiente a Entrevistada B, com 24 anos. Contudo, todas possuem experiência no contexto da pesquisa.

A seguir, apresentam-se as percepções das entrevistadas quanto à afetividade no processo ensino-aprendizagem.

#### **4.2 O afeto entre docente e discente do ensino fundamental I, anos iniciais**

As professoras, ao serem questionadas sobre o maior desafio emocional dos alunos no processo de aprendizagem, responderam que a ansiedade e o uso excessivo de aparelhos tecnológicos estão interligadas e, por conta disso, é extremamente difícil prender a atenção dos alunos. Dessa forma, as professoras C e D afirmaram:

*(...) acho que o contexto mais desafiador que a gente tem hoje é que as crianças estão muito ansiosas. Mentalmente muito agitadas, eu acho que isso é por conta da falta mesmo, até da interação, o jeito que as brincadeiras são hoje, tudo muito eletrônico (Entrevistada C).*

*O primeiro desafio é encantar os alunos e prender a atenção deles, visto que a gente tem crianças que estão imersas no mundo tecnológico e que não se interessam mais por habilidades manuais e outras habilidades desse jeito. Então é muito difícil chamar a atenção e conquistar essas crianças e prender assim também elas no sentido da concentração, ter bastante tempo de concentração. (Entrevistada D).*

Percebe-se que há novos desafios para o estabelecimento de conexão com os discentes e que atravessam a mera relação professor-aluno, tendo em vista o cenário do uso de novas tecnologias. Nesse sentido, como afirma Tassoni (2019, p.7), a afetividade não se trata somente da relação estreita entre sujeitos, mas perpassa por suas vivências e “as formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas”. O desafio do professor não é apenas estabelecer um vínculo com o aluno, mas criar esse laço dentro de um determinado contexto histórico-social que está em constante transformação.

Ao serem indagadas sobre como lidam com as formas de expressões afetivas das crianças, as entrevistadas responderam que os alunos devem ser os protagonistas. Por isso, é concedido a eles espaço para que se sintam afetivamente seguros para se expressarem. A Entrevistada D afirmou gostar:

*(...) muito de colocar a criança nesse espaço de protagonista, para a gente ouvir essa criança o máximo possível. E para entender também algumas questões, alguns comportamentos que a criança tem em sala de aula, é por conta de uma emoção que ela não está sabendo expressar, de algo que ela vive em casa, que ela viveu em outro espaço, que não é a escola. Então é importante ouvir a criança e deixar ela se expressar e incentivar que essa expressão fique cada vez melhor.*

Essa perspectiva, coloca o professor como mediador, não apenas do conhecimento, mas das relações criadas em sala de aula, pois torna o aluno centralidade do processo de ensino-aprendizagem, conforme as teorias de Vygotsky, Luria e Leontiev (2010) e, ainda, Piaget (ARANTES, 2003).

Além disso, Ribeiro (2010) diz que a interação positiva com o educador traz bons resultados no âmbito da aprendizagem. Sob essa perspectiva, o aluno acaba se esforçando mais para a realização de trabalhos educativos e estudando mais para provas, além de fazer tudo com mais satisfação e alegria. A Entrevistada A acrescentou que os professores *precisam criar laços para que realmente seja efetivo nosso trabalho, tenha resultado, gere resultados para a criança sentir confiança em você. Então, acho que ser uma professora que trabalha com afetividade é um pilar que a gente precisa adotar.* Sobre isso, Gratiot-Alfandéry (2010) diz que a afetividade entre professor e aluno atua de forma positiva para o desempenho escolar.

Considerando, conforme Vygotsky (1991), os artefatos culturais (linguagem, símbolos, artefatos) como formas de mediação de conhecimento, buscou-se compreender sobre os recursos pedagógicos utilizados e que contribuem para a aprendizagem e para ampliar as interações em sala de aula. As professoras responderam que usam o lúdico como ferramenta de aprendizagem no currículo do ensino fundamental anos iniciais. Segundo a entrevistada B, a ludicidade corrobora para a interação com o aluno, evitando aulas meramente teóricas e fugindo do tradicional, o que aproxima o aluno. A Entrevistada C complementa que além de ser uma aula mais prazerosa, o uso do lúdico estimula a criatividade, que é muito importante para essa faixa etária. Assim, para a Entrevistada C, a ludicidade é importante, pois:

*Ela chama mais a atenção da criança, ela a traz mais para perto, ela cria um ambiente mais favorável para que a criança participe, para que a criança desempenhe outras habilidades, além daquelas acadêmicas do conteúdo em si. E as atividades lúdicas aproximam muito o professor do aluno e os alunos dos alunos, porque vira um ambiente agradável, um ambiente mais tranquilo mesmo, mais relaxado, vamos dizer assim, que as crianças se entendem bem e elas conseguem conviver melhor, evita até os conflitos inclusive.*

A percepção das professoras com relação a importância do lúdico na construção do conhecimento retoma Ribeiro (2010), que enfatiza que as crianças são mais interessadas em aulas com interações positivas e que estabelecem uma experiência de aprendizagem que proporciona afetividade. Isso evita crises e facilita a aprendizagem. Wallon, o teórico que trata da afetividade no processo de aprendizagem, estabelece uma dialética entre cognição e afetividade, entendendo que toda atividade que não é obrigatória para a criança, é lúdica e favorece a construção da identidade (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010).

Com exceção da entrevistada B, todas as entrevistadas relataram momentos afetivos positivos e negativos com suas professoras do ensino fundamental 1. Esses relatos demonstram o quanto o papel do professor e a afetividade compõem a trajetória de vida humana e se trata de um assunto importante para ser mais discutido. A entrevistada B relatou que quando era criança pegou cachumba e precisou ficar afastada da escola por duas semanas, então sua professora ia até a casa dela para passar o conteúdo dado em sala de aula para que ela não ficasse em defasagem em relação aos outros alunos, e disse: *Me marcou muito ela ter feito isso por mim, jamais vou esquecer dessa atitude.* Já a entrevistada C desabafou: *Lógico que havia aquelas professoras que eram mais amorosas porque eram naturalmente mais amorosas mesmo, mas eu acho que faltava, faltava um pouco de afetividade sim.* Segundo a Entrevistada D:

*Foi a falta de afetividade que me marcou muito(...) na segunda série eu tinha uma professora que ela pegou um ranço do meu caderno, eu tenho T.D.A.H., meu caderno era o Ó, totalmente desorganizado. E aí a professora pegou meu caderno, mostrou pra turma inteira, falou, falou, que coisa horrível, que caderno feio, olha só, a letra toda bagunçada, tudo de qualquer jeito ela me descascou na frente da turma inteira e aquilo me marcou muito, muito, muito, muito, muito. E a outra era muito boa, muito carinhosa encontrei com ela na rua e ela lembrou de mim e ela ficou muito feliz por eu estar na educação e ela foi uma das professoras que me inspirou a estar na educação, porque ela faz um trabalho completamente diferente.*

As memórias das professoras sobre as relações estabelecidas por elas com suas professoras revelam que a afetividade impacta de forma positiva ou negativa na trajetória de vida dos alunos. Nesse sentido, para Leite (2012), a afetividade faz parte do contexto escolar, ocasionando repercussões boas ou não para o desenvolvimento do aluno. Assim, a afetividade é “um fator fundante nas relações que se estabelecem entre os alunos e os conteúdos escolares. A qualidade da mediação pedagógica, portanto, é um dos principais determinantes da qualidade

dos vínculos que se estabelecerão entre os sujeitos/alunos” (LEITE, 2012, p. 365).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi investigar o papel da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, focando na relação professor-aluno no Ensino Fundamental I de uma escola de Ubá-MG.

Os principais resultados mostraram que uma relação afetiva positiva entre professores e alunos contribui significativamente para a motivação, o engajamento e o desempenho dos estudantes. Os professores demonstraram ter consciência da importância dos laços criados com seus alunos, tendo em vista que também têm memórias quanto aos afetos positivos e negativos vivenciados com seus professores na infância. Eles demonstraram se preocupar em tornar o aluno protagonista do processo de aprendizagem e em lecionar aulas que fujam do tradicional, buscando recursos lúdicos que facilitam a relação com as crianças.

Concluiu-se que a afetividade é um elemento essencial no processo de ensino-aprendizagem, pois fortalece os vínculos entre professores e alunos, promovendo um clima escolar mais harmonioso e produtivo e maior desenvolvimento dos discentes. No entanto, para que essa afetividade seja efetiva, é fundamental que os educadores recebam formação contínua em competências socioemocionais e que as escolas promovam uma cultura de respeito e colaboração.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na escola alternativa teórica e práticas**. São Paulo: Summus editorial, 2003.

BEZERRA, Ricardo José Lima. Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. **Didática sistêmica**, Pernambuco, v.4, p. 20-26, jul./dez. 2006.

BISCARRA, Bibiana Ozorio. **Afetividade na Educação**. Lume Repositório digital. Porto Alegre, p. 01- 24, jan. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Disponível:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 14 fev. 2024.

BRASIL. ministério da educação. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. 2013. Disponível em: [https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/media/seb/pdf/d\\_c\\_n\\_educacao\\_basica\\_nova.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/media/seb/pdf/d_c_n_educacao_basica_nova.pdf). Acesso em: 06 abr. 2024.

BRUST, Josiane Regina. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em pedagogia) Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2009, p. 10-40.

CANTANHÊDE, Flor de Liz Marques. **A contribuição da afetividade no ensino fundamental**. III Conedu Congresso Nacional de Educação, 2016. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO\\_EV056\\_MD1\\_S A3\\_ID9315\\_17082016180903.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO_EV056_MD1_S A3_ID9315_17082016180903.pdf). Acesso em: 06 abr. 2024.

EMILIANO, Joyce Monteiro. **Vigotski: a relação entre afetividade, desenvolvimento e aprendizagem e suas implicações na prática docente**. Centro universitário Unifafibe. São Paulo, v.2, n. 1, p. 59-72, abril. 2015.

FERREIRA, Gabriella Rossetti; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A importância da afetividade na educação. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 21, n. 1, p. 88-103, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. **Henri Wallon**. Massangana: Recife, 2010. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4686.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2024.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. 1. ed. Belo Horizonte: Anima Educação, 2014.

LA TAILLE, Y; OLIVEIRA, M. K. ; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. ed. 15. Summus, São Paulo, 1992.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva, **Afetividade nas práticas pedagógicas**. Temas em psicologia, Campinas, v.20, n. 2, p. 355-368, dez. 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 17, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMFf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 fev. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social, teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Rejane P. **Escola, Desempenho, Família: Relações que se constroem**. Trabalho de Conclusão do curso de Pedagogia da universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. **A afetividade na relação educativa**. Scielo Brasil, Bahia, v. 27, n. 3, p. 403-412, jul./set.2010.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. Curso avante, 2019. Disponível em:  
<https://www.cursosavante.com.br/cursos/curso40/conteudo8232.PDF>. Acesso em: 06 abr. 2024.

VIGOTSKI, Levi S; LURIA, A.R; LEONTIEV, A.N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 11 ed. São Paulo, Ícone: 2010. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/humanizacao/wp-content/uploads/sites/14/2017/04/VIGOTSKI-Lev-Semenovitch-Linguagem-Desenvolvimento-e-Aprendizagem.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2024.

VYGOTSKI, Levi S. A formação social da mente. 4 ed. São Paulo, Livraria Martins Fontes editora: 1991. Disponível em:  
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod\\_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf). Acesso em: abr. 2024.